



Todas as Musas

ISSN 2175 - 1277

Ano 14 Número 02

Jan - Jun 2023



**Do silêncio ao grito: interseccionalidade, figuras bíblicas femininas e resistência em dois poemas de Natalie Diaz**

From silence to screaming: intersectionality, female biblical characters and resistance in two poems by Natalie Diaz

Alba Krishna Topan Feldman<sup>1</sup>

Nelci Alves Coelho Silvestre<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo aborda os poemas *Of Course She Looked Back* e *If Eve Side-Stealer & Mary Busted-Chest Ruled the World*, do livro *When My Brother was an Aztec* (2012), da autora indígena estadunidense Natalie Diaz, a fim de discutir a interseccionalidade de gênero, raça e cultura nos textos supracitados. Trata-se de uma análise acerca da resistência cultural presente nos poemas tanto do ponto de vista das personagens bíblicas que os inspiraram quanto da cultura e identidade feminina indígena. Recorre-se ao aporte teórico de Patrícia Hill-Collins (2020), Joyce Green (2007), dentre outros para demonstrar que Diaz revisa e coloca nova luz sobre as figuras bíblicas de Maria, Eva e da esposa de Ló, não apenas evocando a cultura indígena, mas também interrogando o papel das personagens bíblicas na história.

Palavras-chave: interseccionalidade, figuras bíblicas femininas, resistência, literatura indígena feminina.

**ABSTRACT:** This article studies the poems *Of Course She Looked Back* and *If Eve Side-Stealer & Mary Busted-Chest Ruled the World*, from the book *When My Brother was an Aztec* (2012), by the Native American writer Natalie Diaz, in order to discuss gender, race and culture intersectionality in the texts. The discussion approaches cultural resistance traces in the poems from the point of view of the biblical characters that inspired them, as well as from the indigenous women identity approach. The theoretical support comes from Patrícia Hill-Collins (2020), Joyce Green (2007), among other researchers in order to explicit that Diaz sheds new light over the biblical figures of Mary, Eve, and Lot's unnamed wife, not only evoking Native American culture and tradition, but also interrogating these biblical women's roles in history.

**Keywords:** Intersectionality, women characters from the bible, resistance, Native American literature by women.

---

<sup>1</sup> Doutora em Letras, área de concentração Estudos Literários (UNESP). Professora Associada do Curso de Letras da Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: [aktfeldman@uem.br](mailto:aktfeldman@uem.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4588-5661>

<sup>2</sup> Doutora em Letras, área de concentração Estudos Literários (UEL). Professora Adjunta do Curso de Letras da Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: [nacsilvestre@uem.br](mailto:nacsilvestre@uem.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6670-2326>

## **Introdução**

Na última década, a literatura indígena em língua inglesa tem mostrado características que podem ser consideradas pertencentes à quarta geração de autores indígenas, entre elas desenvolver uma gama de questionamentos e ampliar as discussões em seus textos para abrangerem assuntos relevantes, não apenas para as populações indígenas, mas para todos os leitores, demonstrando uma sintonia forte com as ideias da interseccionalidade e comunidades fora dos grupos indígenas.

O objetivo deste trabalho é discutir como esses aspectos acima citados, a interseccionalidade de gênero, raça e cultura perpassam nos poemas *Of Course She Looked Back* e *If Eve Side-Stealer & Mary Busted-Chest Ruled the World*, do livro *When My Brother was an Aztec* (2012), de Natalie Diaz, autora indígena, da etnia Mojave, mostram uma resistência cultural e, ao mesmo tempo, trazem a voz de personagens bíblicas femininas não ouvidas e, muitas vezes, nem nomeadas.

Para essa análise, na primeira parte do artigo, apresentamos algumas informações bibliográficas sobre a autora, tais como suas obras e estilo, além de recorrermos a autoras que trabalham com o feminismo interseccional, a exemplo de Patrícia Hill-Collins e autoras do feminismo indígena, como Joyce Green. Por último, faremos a análise dos poemas tanto do ponto de vista das personagens bíblicas que os inspiraram quanto da cultura e identidade feminina indígena que perpassa os textos poéticos.

### **1 Natalie Diaz - da reserva ao Pulitzer**

Natalie Diaz é uma escritora da etnia Mojave, do sul dos Estados Unidos. Jogadora profissional de basquete antes de lançar-se como autora; ela é autora de dois livros aclamados, *When my brother was an Aztec* (2012, ganhador do *American Book Award* de 2013) e *Postcolonial Love Poem* (2020, ganhador do prêmio Pulitzer de poesia). Além disso, são notáveis seus esforços para revitalizar a língua tradicional Mojave. Também foi a vencedora de diversas bolsas como pesquisadora, escritora e educadora. Outro prêmio de relevância recebido pela autora foi o Pablo Neruda, de Poesia, em 2007.

O livro *When My Brother was an Aztec* (2012) foi descrito pelo resenhista do *New York Times* como ‘um livro ambicioso e belo’. Em uma entrevista à PBS, ela falou sobre a conexão entre sua escrita e a experiência vivida:

escrever para mim é uma forma de explorar porque eu quero as coisas, porque tenho medo das coisas e porque me preocupo com as coisas. E pra mim, todas essas coisas representam uma forma de fome que provém de ser criada em um lugar como esse<sup>3</sup> (DIAZ, Natalie – Poetry Foundation).

Essa fome provém de ser criada em Fort Mojave, na terra indígena de *Gilla River Indian Community*, presenciando os últimos falantes da língua originária morrerem, testemunhando os efeitos da colonização europeia nos EUA sobre as populações indígenas, que haviam gerado trauma, violência, pobreza e perdas culturais, pessoais e identitárias irreparáveis, mas também todas as tentativas de resistência e sobrevivência<sup>4</sup> desse grupo. A escrita de Diaz é o grito das populações indígenas, dentro das prerrogativas da quarta geração de escritores; os problemas cotidianos dos indígenas dentro e fora da comunidade e o resultado da observação dos outros indígenas da comunidade se misturam com uma fina ironia e ampliação de visão de mundo.

A partir de agora, vamos conhecer um pouco mais da obra da qual os poemas foram retirados e um aspecto estilístico da autora no que tange ao tema estudado. De modo geral, em *When My Brother was an Aztec*, existem diversas referências bíblicas, mescladas à experiência indígena: o poema *Tortilla Smoke: A Genesis*, no qual há uma comparação imaginativa entre a criação de seres humanos e tortillas, com uso da linguagem espanhola para enfatizar a herança da fronteira e da própria população indígena, abordando aspectos de ancestralidade. Obviamente, a ironia de comparar a criação de tortillas aponta para críticas e gera reflexão.

---

<sup>3</sup> "for me writing is kind of a way for me to explore why I want things and why I'm afraid of things and why I worry about things. And for me, all of those things represent a kind of hunger that comes with being raised in a place like this."

<sup>4</sup> Gerald Vizenor, escritor indígena Anishinaabe, em seu livro *Manifest Manners: Narratives on Postindian Survivance* (1994), explica o termo sobrevivência da seguinte forma: “*Survivance* é um senso ativo de presença, a continuidade das histórias nativas, e não apenas uma reação, ou um nome que sobrevive. Histórias de *survivance* indígena são renúncias à dominação, tragédia e vitimização”. O termo foi adaptado ao português como ‘sobrevivência’, uma mistura de sobrevivência com continuidade por FELDMAN e SILVESTRE (2019).

*Reservation Mary* também traz Maria, a personagem bíblica mãe de Jesus para a reserva. Mas ela é a mãe solteira, com seu menino Jordan, lutando por sua vida em um ambiente de pobreza. Nesse poema, há citações bíblicas como o desejo de Mary em transformar a água do rio Colorado em vinho.

*The Gospel of Guy No-Horse*, por sua vez, é outro poema cheio de referências bíblicas. A personagem da narrativa é um indígena bêbado, que vive na cidade, e frequenta um bar chamado *Injun that Could*. Apesar de não ser matéria de nossa análise, a palavra *injun* é altamente pejorativa a indígenas e, ao mesmo tempo, a sobrevivência de Guy No-Horse (cujo nome também é muito significativo, uma vez que Guy é uma pessoa qualquer e o fato de estar sem cavalos significa que, além de pobre, não tem também suas raízes indígenas muito fortes, pois para os indígenas da região, o cavalo é um ser mítico e poderoso).

Porém, o ‘zé-ninguém’ indígena se torna o ‘injun que podia’, o nome do bar, ou seja, nesse evangelho, ele vence, mesmo que morra, física ou simbolicamente, ao final do poema. Assim, vários momentos do texto de Diaz mostram intertextualidade bíblica, mas também expõem a situação do indígena atual, vítima de chacinas, do alcoolismo, do sofrimento de ter suas culturas impedidas de serem praticadas por lei, além dos traumas de terem suas terras vilipendiadas pelos interesses capitalistas da colonização.

## **2 Um pouco de teoria**

O movimento feminista é geralmente determinado em ondas, sendo que a primeira engloba o movimento sufragista, no final do século XIX e início do século XX; o segundo movimento, em torno da década de 1960, traz a Organização Internacional das Mulheres por políticas de igualdade sexual e direitos reprodutivos. Na terceira onda do feminismo, mulheres de diferentes origens raciais convergem para tornar o feminismo um movimento multicultural e multirracial.

No entanto, desde o discurso de Sojourner Truth (E não sou eu uma mulher?), dos editoriais de Zitkala-Sa, indígena Dakota em revistas feministas, das feministas japonesas como Yamakawa Kikue, entre outras, no início do século XX, além de autoras como Angela Davis e bell hooks das décadas de 1960 em diante, sem citar Gayatri Spivak e Chandra Mohanty na Índia das décadas de 80 e 90, o feminismo não branco tem marcado sua presença no mundo.

O que todas as mulheres feministas citadas no parágrafo anterior têm em comum é o fato de mostrarem que, dentro da similaridade de gênero, há diferenças que precisam ser observadas, pois a opressão patriarcal afeta diferentemente mulheres de diferentes classes, raças, orientações sexuais, culturas, bem como suas necessidades e lutas. Apesar de terem aspectos parecidos em relação à opressão de gênero, também possuem agendas diferenciadas e urgentes. Patrícia Hill-Collins e Kimberlé Cremsshaw, então, passam a estudar estes aspectos interseccionais que evitam a categorização generalizada do ser mulher e atentam para as similaridades, mas também para as diferenças entre as lutas feministas, evidenciando a pluralidade dos feminismos. Em uma forma mais generalizada, a interseccionalidade seria descrita da seguinte forma:

A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas. (COLLINS, epub, 2020)

Nesse sentido, quem trabalha com as intersecções precisa observar as experiências dos diferentes grupos, privados de diferentes direitos, e usar tais experiências para ampliar e melhorar a vida e o comportamento humano dentro dos diversos campos, nas políticas, nas pesquisas, na academia e na sociedade em geral. O papel desses estudiosos da interseccionalidade possibilitará, então, a revitalização de novas áreas de estudo, bem como o questionamento de elementos antes considerados inalteráveis, como a visão da ideia de Mulher como uma categoria homogênea, imutável, e com as mesmas necessidades, não importando outros aspectos.

Dessa forma, surgem diferentes manifestações do pensamento feminista, como o feminismo marxista, o liberal, o feminismo negro, o ecofeminismo, entre outros.

Dentro da interseccionalidade, então, é importante conhecermos um pouco do feminismo indígena, de forma a compreendermos melhor a obra de Diaz e a interseccionalidade aplicada por ela.

Uma das características mais específicas do feminismo indígena é a inclusão de toda a comunidade nas agendas feministas: a luta feminista indígena engloba políticas de distribuição de terras, saúde, reprodução, soberania, autoexpressão cultural, direitos, entre outros aspectos que envolvem mulheres, homens e crianças indígenas. Assim, uma das grandes críticas ao feminismo indígena ocorre quando se considera que ele se apoia apenas em aspectos heteronormativos e nas leis e preocupações do colonizador, ou seja, das mulheres brancas europeias ou estadunidenses, de classe média ou alta, com um grau mais elevado de educação formal.

O forte senso de comunidade das etnias leva os grupos a entenderem que as lutas das mulheres são parte de um movimento global que combate o racismo, a dominação e também a opressão sobre os indígenas como um todo. A própria situação indígena atual é marcada pela perda de identidade e enormes problemas recorrentes de políticas governamentais que fomentam o genocídio. Indígenas urbanos, privados de sua convivência cultural e fazendo parte das linhas de pobreza, são um exemplo dessas políticas de exclusão que afetam homens e mulheres indígenas. A mulher, no entanto, é mais fortemente marcada, uma vez que o domínio sobre o corpo da mulher indígena também marca do domínio do colonizador sobre a terra. Logo, casos de estupro e todos os tipos de violência infligidos ao corpo feminino indígena são também formas de dominação do não indígena sobre o indígena como uma forma de deslegitimar as lutas e desequilibrar toda a cultura, a comunidade, a etnia.

A violência sobre a mulher indígena deixa de ser meramente física e psicológica e se torna social: uma representação da superioridade dos brancos colonizadores sobre os povos indígenas. Para isso, nas cidades, há a tentativa da organização das mulheres indígenas em torno de pensamentos feministas e também um trabalho para que elas sejam atendidas em igualdade pelas leis que atendem as mulheres brancas. A mulher indígena aldeada, no entanto, busca outras formas de resistência, como atingir cargos de liderança política dentro e fora das aldeias para ter suas necessidades e voz expressas não apenas para si e para outras mulheres, mas para toda a comunidade também. (OLIVEIRA, 2018)

Ao buscarem nova representatividade para sua comunidade, o feminismo indígena, ao invés de ver o homem indígena como inimigo e opressor, exerce a

complementaridade de gênero, ou seja, a tentativa de educar o homem indígena para também lutar pelo bem comunitário no qual todos, homens e mulheres, vençam as opressões recebidas da sociedade e das leis não indígenas em pé de igualdade. Esse comportamento, longe de ser algo novo, é parte das culturas da maioria das etnias indígenas, perfazendo a grande diferença do feminismo indígena, sendo que a violência voltada exclusivamente ao gênero nas comunidades indígenas também é considerada uma das heranças traumáticas da colonização.

Muito embora Oliveira esteja falando do feminismo indígena brasileiro, seu pensamento é muito bem aplicável à condição dos povos indígenas em geral:

A cultura indígena, apesar de apresentar papéis de gênero, não era machista como a das cidades. Homens e mulheres estavam sempre juntos, nos eventos sociais e políticos da aldeia ou fora dela, o que começou a mudar recentemente. O contato mais próximo de homens e mulheres indígenas com não indígenas acabou por influenciar várias etnias. Não há como colocar em um artigo a dimensão desse impacto para as comunidades indígenas e, em especial, para as mulheres aldeadas, mas sabemos por depoimentos que outra forma de lidar com a mulher foi instaurada em várias aldeias. O não indígena desconhece a história do Brasil feita pelos povos indígenas. A falta de acesso a informações relacionadas à questão indígena foi uma política estabelecida pelo Estado brasileiro para negar a identidade indígena e estabelecer a partir da ignorância uma campanha de desqualificação dessa cultura e desses povos. (OLIVEIRA, 2018)

Joyce Green (2007) também aponta sua base criada sobre teorias brancas europeias, como maior crítica ao feminismo indígena estadunidense e canadense, que não dão conta dos aspectos sociais e culturais que envolvem as etnias indígenas. Outro elemento apontado pela autora, que também se alinha ao pensamento de Oliveira (2018), é o fato de que o feminismo indígena não deve ser, e não é, baseado no ódio aos homens, ao masculino, mas na luta pela comunidade contra os gritantes efeitos da colonização, como o alcoolismo, a perda de identidade cultural e social, entre outros aspectos.

Em consonância com as autoras citadas anteriormente, Hollrah (2005) afirma que o conflito de gêneros, criado nas comunidades indígenas, é resultante, em grande parte, dos modelos aprendidos das autoridades coloniais, cujas políticas destruíram sistemas culturais tradicionais muito mais igualitários entre os povos indígenas.

O feminismo é um conjunto de processos dedicado à revisão dos processos sociais referentes ao gênero. A interseccionalidade olha para o entrecruzamento dos assuntos de gênero com aspectos como raça e classe social. Esse ponto de vista torna-se totalmente relevante, quando são considerados os aspectos culturais e étnicos. Dessa forma, o feminismo se torna múltiplo, feminismos, quando analisa experiências de grupos específicos de mulheres.

Para as mulheres indígenas, o patriarcalismo não é o único elemento de opressão, mas também a pobreza, a falta de políticas na questão territorial, de saúde e proteção cultural, o racismo e outros tipos de preconceito. Seguindo esta linha de raciocínio, podemos compreender como interseccional, cultural e de resistência à obra de Diaz, quando representa mulheres não indígenas sem voz ou quando estabelece uma ligação direta com os problemas e as causas indígenas, mas sem deixar de fazer a conexão ou abrir o leque de significados para englobar outros grupos oprimidos, especialmente mulheres, como veremos na análise dos poemas, a seguir.

### **3 O resgate e a reconfiguração da identidade feminina em *Of course, she looked back***

A mulher de Ló, sobrinho do patriarca Abraão, é uma personagem que aparece no Gênesis, no capítulo 19, por ocasião da destruição de Sodoma. No texto, não há detalhes sobre a vida de Ló, muito menos sobre sua esposa. Nem ao menos seu nome é citado. Quando o Deus bíblico resolve destruir Sodoma por sua iniquidade, por não encontrarem pessoas justas na cidade, ele envia seu anjo para retirar Ló e sua família da cidade fadada à destruição.

Na fuga de Ló, a esposa não nomeada e as filhas receberam a ordem expressa de não olhar para trás. Ao olhar, ou seja, ao desobedecer às ordens divinas, a esposa de Ló transforma-se em uma estátua de sal.

No Novo Testamento, Jesus usa o exemplo da mulher de Ló para citar o que acontece com aqueles que não obedecem às leis de Deus, e como Sua ira é imediata. A frase é 'Lembraí-vos da mulher de Ló' (Lucas, 17:32).

A mulher de Ló, sem voz, sem nome, passa a ser o símbolo da desobediência e das consequências infligidas pelo deus judaico-cristão a aqueles que a praticam. Ou seja, como Sodoma é considerada pela Bíblia uma cidade do pecado, a esposa de Ló simboliza aqueles que querem viver no pecado, e por isso devem morrer.

No poema de Natalie Diaz, não há referências diretas a essa mulher não nomeada, mas o eu lírico onisciente descreve o que se passa pela mente dessa mulher, vendo sua cidade sendo destruída. O primeiro verso do poema já é uma justificativa à sua ação, quando colocado em dístico com o título: Claro que ela olhou para trás/ Você também teria olhado.<sup>5</sup>, ou seja, logo no início do poema, estabelece-se uma ligação entre o eu lírico e o leitor suposto.

E desde o início do poema, ao descrever uma cidade comum, onde ela era amada e amava, o eu lírico desbanca a ideia de que a esposa de Ló queria voltar pela vontade de viver em pecado, mas mostra a compaixão que falhava ao deus que deveria ser compassivo.

Quando então ela viu  
 pombos cintilando como destroços acima  
 dos telhados arruinados. Torres envergando-se  
 Mulheres de saias rasgadas  
 espalhadas pelas ruas queimadas  
 como sinos vermelhos arrebentados.

O barulho era algo mais —  
 cães ganiam, galos clarinando, crianças  
 e violões estourando como grãos de milho  
 alimentando a chama bruxuleante.<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> **Of Course She Looked Back/** You would have, too.

<sup>6</sup> When she did she saw  
 pigeons glinting like debris above  
 ruined rooftops. Towers swaying.  
 Women in broken skirts  
 strewn along burned-out streets  
 like busted red bells.

O impacto da destruição, que derruba a ideia de pecado ao colocar crianças e pombos na lista de destruição é um aspecto que suplanta a ideia de que na cidade havia apenas o pecado. A partir desse momento, a mulher não nomeada de quem o eu lírico descreve os pensamentos começa a divagar sobre sua vida pregressa, novamente subvertendo a vida de pecado que lhe seria imputada: ela mescla preocupações do passado cotidiano e do presente caótico.

Também ouvimos a voz do marido que, apesar de falar em tom baixo, murmurar, sussurrar, continuava impondo as ordens, às quais ela não podia obedecer. Outro ponto interessante é que agora o poema moderniza a história, surgem elementos da vida moderna, talvez para fazer um símbolo de situações dúbias, que podem reproduzir diferentes sentidos: o forno, a cafeteira, o ferro.

Ela imaginou se havia tirado da tomada  
a cafeteira? O ferro?  
O forno estava deligado?  
Seu marido murmurou, *Continua andando.*  
Sussurrou, *Segue o caminho*, ou  
*Querida, esquece.* Ela não podia.

Agora um jardim que explodia em fogo  
a cidade florescia em chama após chama  
como frutos quentes em um pomar de caquis.<sup>7</sup>

---

The noise was something else—  
dogs wept, roosters howled, children  
and guitars popped like kernels of corn  
feeding the twisting blaze.

<sup>7</sup> She wondered had she unplugged  
the coffeepot? The iron?  
Was the oven off?  
Her husband uttered, *Keep going.*  
Whispered, *Stay the course*, or  
*Baby, forget about it.* She couldn't.

Now a bursting garden of fire  
the city bloomed to flame after flame  
like hot fruit in a persimmon orchard.

Voltando ao presente da narrativa poética, que mostra a destruição de todo um modo de vida progresso, e pronta a pagar por sua desobediência, o eu lírico ainda descreve os últimos pensamentos dessa mulher, as últimas coisas que ela viu, ouviu e sentiu, causando no leitor ao mesmo tempo choque e o terror do reconhecimento dos últimos sons e da morte:

Alguém com sede pediu por água.  
 Alguém com medo pediu pra rezar.  
 Suas filhas ou o anjo de pernas tortas,  
 pode ser. Colunas escuras de fumaça se abriam  
 para os céus. Ela pretendeu olhar  
 para o outro lado, mas a ferroada em seus olhos,  
 o gosto devorando sua língua,  
 e os vizinhos implorando por seu nome.<sup>8</sup>

No excerto acima, há vários pontos interessantes, como a pontuação e a quebra dos versos (*enjambement*), que são utilizados para quebrar as expectativas do leitor: ‘ela pretendeu olhar (o que daria ideia de uma desobediência extremamente consciente) / para o outro lado’ (o que reforça a ideia de subserviência). O poema, em suma, dá voz à esposa de Ló, sem nome e sem voz. Uma mulher julgada e condenada por séculos, sem direito de defesa, mas que, na transcrição do eu lírico onisciente pela escrita de Diaz, mostra aspectos de compaixão que, como foi mencionado, superam a lei patriarcal vigente: um julgamento mais compreensivo e amoroso que a ira destinada à cidade e a ela própria.

Como autora indígena, grupo étnico que sofreu muita destruição, Diaz consegue compreender o desespero de uma mulher que perde seu lar, sua comunidade em razão de uma lei imposta. Desde os primeiros anos da colonização europeia nas Américas, até a atualidade, vemos populações indígenas sendo retiradas violentamente de suas terras, vítimas de violência ao se negarem a sair da terra de

---

<sup>8</sup> Someone thirsty asked for water.  
 Someone scared asked to pray.  
 Her daughters or the crooked-legged angel,  
 maybe. Dark thighs of smoke opened  
 to the sky. She meant to look  
 away, but the sting in her eyes,  
 the taste devouring her tongue,  
 and the neighbors begging her name.

seus antepassados. Talvez seja esse o motivo dela citar coisas que se encaixariam na vida moderna, ou que seriam lidas de forma dúbia, como o forno e a cafeteira.

O desespero de olhar para trás contra as leis impostas custou a vida da protagonista narrada pelo poema e da personagem bíblica, mas sua história é resgatada pela autora contemporânea, mostrando aspectos de luta contra a opressão e a destruição anunciadas. Talvez a modernização desses versos do poema traga a mulher não nomeada mais próxima não só das populações e mulheres indígenas atuais, mas também de outros grupos de mulheres, de outras etnias, que são obrigadas a fugir de guerras e lutas violentas, de destruição, vendo suas cidades natais e suas casas, seus vizinhos e animais padecerem sob canhões, mísseis, ou outros tipos de bomba, sem ter o direito de olhar para trás.

#### **4. E se Eva e Maria fossem indígenas?**

Maria e Eva são dois símbolos da mulher na religiosidade judaico-cristã. Se por um lado são consideradas premissas opostas, pelo fato de que Eva seria supostamente o ser que introduziu o pecado no mundo e Maria seria o ser que trouxe a redenção pela maternidade, por outro lado, também são similares, no sentido de que suas vozes não são ouvidas, e que também suas histórias são contadas por homens.

Novamente, a desobediência de Eva, assim como a da esposa de Ló é punida com a expulsão do paraíso e com a morte (nesse caso, também a introdução da morte no mundo, segundo o conhecimento judaico-cristão), enquanto que Maria é recompensada com o reconhecimento por servir ao seu filho. Dessa forma, ambas são submetidas ao poder patriarcal de uma forma ou de outra, sendo obedientes ou desobedientes.

O poema de Natalie Diaz que retoma as duas personagens bíblicas, no entanto, traz aspectos culturais indígenas desde o título: *If Eve Side-Stealer & Mary Busted-Chest Ruled the World* (Se Eva Ladra da Costela, e Maria Com Peito Cheio Dominassem o Mundo). Em uma marca da cultura indígena geral, as figuras bíblicas são ‘batizadas’ da forma indígena, ou seja, recebem aspectos físicos, emocionais ou animais com os quais são identificados ou marcados em seu nome, como os exemplos a seguir: Urso em Pé (Standing Bear), João em Volta Dele (John Around Him), Charles Bad Hand (Carlos Mão Ruim).

Eve Side-Stealer e Mary Busted Chest também são figuras plenas de significados: Eva é a figura bíblica que, segundo Gênesis, foi tirada ou nasceu da costela de Adão. Nesse sentido, Side-Stealer faz uma menção à costela, que não seria doada por Adão, mas ‘roubada’ por Eva; também poderia mostrar que Eva é alguém que chega repentinamente, lateralmente, para roubar; e também a pessoa que rouba a posição, que antes seria de Adão (versão corroborada pelo poema, como veremos a seguir).

Mary Busted Chest, por seu turno, pode significar com peito cheio, ou seja, uma mulher corajosa, forte, capaz de dominar o mundo, como também um estômago cheio, como o de uma mulher grávida. Cabe ressaltar que a própria indianização dos nomes no título do poema já chama atenção do leitor antes mesmo do início de sua leitura. O poema é dividido em quatro estrofes, com versos de números irregulares (1ª estrofe sendo um quarteto, a 2ª, 05 versos ou quintilha, a 3ª uma sextilha, e a 4ª e última estrofe uma setilha, ou 07 versos).

Da mesma forma, há um desenvolvimento nos argumentos, com a primeira estrofe conjecturando se Eva fosse indígena – a palavra índia é usada quase ironicamente, uma vez que essa é a visão antiga da denominação empregada pelo homem branco sobre os povos originários das américas. Eva é restabelecida como sendo o próprio solo, a terra, da qual Adão não havia sido formado, mas continua dentro dela. Ou seja, Adão não mais conteria Eva, mas o contrário, concretizando-se o nome do título no sentido de ser Eva a que ‘roubaria’ a costela de Adão.

E se Eva fosse índia  
& Adão nunca tivesse sido tirado  
da terra, Eva era a Terra  
& costelas foram ideias dela todo o tempo?<sup>9</sup>

Na segunda estrofe, Maria também é conjecturada como indígena, e a repetição da fórmula adiciona sonoridade ao poema. Maria, marcada na Bíblia e reverenciada apenas por sua aceitação e efetivação da maternidade, a Maria retratada pelo eu lírico nega a mesma no poema. A clínica WIC é um local do governo para auxiliar na

---

<sup>9</sup> What if Eve was an Indian  
& Adam was never kneaded  
from the earth, Eve was Earth  
& ribs were her idea all along?

alimentação de crianças e mulheres em risco, mas Maria vai até lá e recebe o alimento ao invés da gravidez de Jesus. Nesse viés, o nome indígena tanto pode significar com peito cheio, ou mesmo peito estufado de orgulho, mas também o estômago cheio de alimentos, não mais de maternidade:

E se Maria fosse uma índia  
 & quando Gabriel a visitou em sua tenda  
 ela estivesse fora em uma clínica WIC  
 recebendo ovos, queijo em caixa  
 & manteiga de amendoim ao invés de Jesus?<sup>10</sup>

Na terceira estrofe, quem é imaginado como uma mulher indígena, com símbolos indígenas sagrados, como a pedras coral e turquesa, é o próprio Deus, um deus que inventou um jogo dos homens brancos, no qual todos perdem:

E se Deus fosse uma índia  
 Com asas turquesa e seios de coral  
 Que inventou um jogo chamado Xadrez do Homem Branco  
 jogado em tabuleiros prateados com todas as peças brancas  
 peões & reis & apenas um lado, o lado branco  
 & quanto mais eles venciam mais eles eram derrotados?<sup>11</sup>

Também é importante ressaltar na estrofe que fala da indianização de Deus, o fato de ficar implícito que se o homem branco perfizer apenas um lado em seu jogo de dominação com reis e peões, não haverá vitórias nem para os próprios jogadores brancos, nem para ninguém, o que mostra a inutilidade da colonização como

---

<sup>10</sup> What if Mary was an Indian  
 & when Gabriel visited her wigwam  
 she was away at a monthly WIC clinic  
 receiving eggs, boxed cheese  
 & peanut butter instead of Jesus?

<sup>11</sup> What if God was an Indian  
 with turquoise wings & coral breasts  
 who invented a game called White Man Chess  
 played on silver boards with all white pieces  
 pawns & kings & only one side, the white side  
 & the more they won the more they were beaten?

instrumento de violência e imposição, pois ao destruir o indígena, o homem branco também seria derrotado.

Na quarta e última estrofe, o próprio mundo é equiparado a uma mulher indígena, mas, ironicamente, obrigado a ter suas costas planas, como a ideia do terraplanismo, preceito medieval que acreditava que o mundo era plano. O mundo-mulher indígena é uma bebê amarrada em seu berço, impedida de crescer. A ironia e a vingança da criança-mulher indígena residem em sua própria condição de ser amarrada, pois as frotas de navios de homens com cabelos amarelos com os quais ela sonha iam ser derrubadas de suas costas planas:

E se o mundo fosse uma índia  
 cujas cabeça & costas estivessem planas por serem amarradas  
 a um berço como um bebê & quando ela dormia  
 ela tinha pesadelos acesos por homens de cabelos amarelos &  
 navios  
 prendendo âncoras em sua garganta? E se ela chorasse  
 a noite toda enquanto grandes ondas subiam, carregando as frotas  
 em suas costas planas sobre a borda daquele mundo plano?<sup>12</sup>

Tanto na forma, ao acrescentar sempre um verso a mais, quanto também na suposta importância dos seres, Natalie Diaz compara as figuras de Eva, Maria, Deus e do mundo com mulheres indígenas que enfrentam seus estereótipos, mudam seus destinos e quebram expectativas do leitor, enquanto a divindade é humanizada.

Dessa maneira, seres antes sem voz passam a ter agência, ou seja, formas de escolha, ou formas de vencer os homens brancos. A ideia de que Deus-mulher indígena inventa o jogo dos homens brancos e a bebê indígena-mundo que sonha com o fim dos colonizadores é uma crítica que faz refletir sobre os efeitos da colonização sobre os povos e principalmente sobre a mulher indígena.

Retomando o título, se a Eva e a Maria em suas versões indígenas fossem as senhoras do mundo, observamos um período de mais paz, sem violência e morte (no

---

<sup>12</sup> What if the world was an Indian  
 whose head & back were flat from being strapped  
 to a cradleboard as a baby & when she slept  
 she had nightmares lit up by yellow-haired men & ships  
 scraping anchors in her throat? What if she wailed  
 all night while great waves rose up carrying the fleets  
 across her flat back, over the edge of the flat world?

caso da costela e da morte na figura de Adão não serem criados, pois Eva/ terra é a vida do indígena), e sem fome (porque Maria está se alimentando, enquanto rejeita uma gravidez imposta por um estrangeiro, Gabriel). Não seria um mundo ideal, mas, com certeza, seria um mundo melhor.

### **Considerações finais**

Natalie Diaz, ao mesmo tempo em que recupera figuras bíblicas antes reconhecidas por seus erros ou por suas funções, concede a elas voz e agência. Ao entrar na mente da mulher de Ló, ela resgata a personagem que foi símbolo da desobediência ao patriarcado e mostra outra face que não foi vista nas interpretações desde sua escrita. Por isso, pode-se pensar em uma recuperação das mulheres não ouvidas, ou cujas histórias foram contadas por outras pessoas que não as entendiam. Trata-se de ouvir, de alguma forma, uma mulher presumidamente histórica a quem o silêncio e o julgamento foram impostos. Também se refere a trazer para a atualidade e para outros povos a terrível possibilidade de perder seus lares, suas cidades, sua ancestralidade por meio da violência e da opressão.

Eva, no poema estudado, tem o poder de escolha da criação, e escolhe não criar Adão, deixar que ele fique dentro de seu seio, sendo ela a própria terra, o próprio solo, o 'pó ou o barro' que o criara na versão bíblica. Refere-se a uma inversão completa de papéis e de total empoderamento da mulher, que passa a viver dentro da tradição cultural indígena, para quem a terra é sagrada e, sendo vida, renega a morte, 'roubando' dela seu papel.

Maria também escolhe se alimentar ao invés de dar à luz a uma criança e ser reconhecida apenas por isso. Ela, então, é uma indígena que escolhe, a quem a maternidade não é mais imposta, mesmo que com peito cheio e possivelmente um estômago proeminente ou cheio pela alimentação.

As figuras de Deus e do mundo também são humanizadas no sentido de serem transformadas em mulheres indígenas, que erram e acertam, sofrem, choram e sonham, mas que resistem e reescrevem a história. Nessa perspectiva, Diaz ressignifica o 'ser' mulher indígena, reivindica por comparação, mostrando ao leitor como a história poderia ser diferente se fosse contada pela mulher, pela literatura, pelos escritores indígenas.

Natalie Diaz opta, então, por criar um tema de feminismo interseccional ao trazer elementos da colonização, como a ideia bíblica de Deus e as figuras de Maria e Eva para discutir também aspectos da vida, da cultura e das preocupações das populações indígenas. Dessa forma, cria uma obra literária instigante e rica, abrangente e encantadora, cheia de referências e de críticas que levam à reflexão os leitores mais atentos.

A obra da autora ainda está em formação e desenvolvimento. Suas obras, já reconhecidas, também oferecem muita riqueza para análise; mostram um campo abrangente de leituras e abordagens teóricas possíveis, sendo crítica e instigante para leitores e estudiosos.

## Referências

COLLINS, P. H.; BILGE, S. *Interseccionalidade*. Trad. Rane Souza. São Paulo: Boitempo, 2020. Recurso eletrônico EPUB.

DIAZ, Natalie. *When My Brother was an Aztec*. New York : Copper Canyon Press, 2012.

HOLLRAH, Patrice E.M.; “*The old lady Trill, the victory yell*”: *the power of women in Native American literature*. New York, Routledge, 2005.

GREEN, Joyce (Ed.). *Making Space for Indigenous Feminism*. New York: Zed Books, 2007.

OLIVEIRA, Marize Vieira. *Feminismo indígena in Explosão Feminista. Arte, Cultura, Política e Universidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

POETRY FOUNDATION, Natalie Diaz, Biography in <https://www.poetryfoundation.org/poets/natalie-diaz> Acesso em: 15 abr 2022.

SILVESTRE, Nelci Alves Coelho.; FELDMAN, Alba Krishna Topan. Estratégias de Resistência, Sobrevivência e Continuidade no Discurso de Grupos Étnicos Colonizados: Reflexões Teóricas. In: FELDMAN, Alba K. T.; MUNHOZ, Ruan F. (Org.). *Perspectivas Multiculturais e Pós-Coloniais: Irrupção a Literatura Convencional*. Maringá: UEM, 2020, p. 31-55.

SMITH, Andrea. *Indigenous Feminism without Apology. Unsettling America: Decolonization, theory and Practice*. <https://unsettlingamerica.wordpress.com/2011/09/08/indigenoufeminismwithout-apology/> Acesso em: 15 abr 2022.

VIZENOR, Gerald. *Manifest manners: Postindian warrior of survivance*. Hanover: University Press of New England, 1994.